

A PERDA DO PRINCÍPIO “EVITE PRONOME” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Maria Eugênia Lamoglia DUARTE

RESUMO *O português brasileiro passa por um processo de mudança na representação do sujeito pronominal referencial, o que claramente o separa do português europeu e das outras línguas românicas pro-drop. Essa mudança pode ser relacionada à redução do paradigma flexional, que evoluiu de seis formas distintivas (acrescidas de duas formas extras de tratamento) para um paradigma que exibe não mais que três formas, como resultado da substituição de **nós** por **a gente**. Perdeu-se, pois, o Princípio Evite Pronome, que leva à não representação fonológica do sujeito sempre que sua plena identificação for possível, e o sujeito nulo deixa de ser obrigatório, tornando-se uma opção cada vez menos utilizada. Este trabalho, baseado na fala de 13 informantes com formação superior, distribuídos em três faixas etárias, procura seguir o caminho recente dessa perda e permite (a) identificar os contextos que mais prontamente foram derrotados pela variante do pronome pleno, assim como os que ainda resistem a ele; (b) confirmar a implementação da mudança através da comparação entre os três grupos etários; (c) encontrar evidências do encaixamento da mudança no sistema, representada pelo uso irrestrito das construções de deslocamento à esquerda do sujeito, uma estrutura completamente ausente nas línguas pro-drop; e (d) defender o estatuto de **pro** para a categoria vazia sujeito no PB.*

ABSTRACT *Brazilian Portuguese is undergoing a process of change in the representation of the referential pronominal subject, which clearly sets it apart from European Portuguese and the other romance pro-drop languages. This change can be related to the reduction of the inflectional paradigm, which evolved from six distinctive forms to a no more than three distinctive ending paradigm, as a result of the replacement of 1st person plural **nós** by the expression **a gente**, which combines with the 3rd person singular verb form. As a result, the Avoid Pronoun Principle, that leads to the null representation of the subject whenever full identification is possible is lost, and the null subject becomes an infrequent option. The present study, based on the speech of 13 upper educated people, belonging to three different age groups, follows the track of the loss and makes it possible (a) to identify the contexts first defeated by the full pronominal variant, as well as the ones which still resist to it; (b) to confirm the implementation of the change through the comparison of the three age groups' performance; (c) to find evidences of the embedding of the change in the system, represented by*

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado com o mesmo título apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 18 de setembro de 1995, sob a orientação da Profa. Dra. Mary A. Kato.

*the unrestricted use of left dislocated subjects - completely absent in the pro-drop languages; and (d) to support the status of **pro** to the null subject in Brazilian Portuguese.*

INTRODUÇÃO

O Português do Brasil (doravante PB), particularmente a variedade falada na região sudeste², passa por um período de mudanças profundas no que diz respeito ao licenciamento e à identificação do sujeito nulo referencial, mudanças que coincidem com significativa simplificação do paradigma flexional em virtude da **redução** ocorrida no nosso quadro pronominal (cf. Duarte, 1993). Embora não se possa dizer que tenhamos perdido a possibilidade de omitir o sujeito, observa-se clara preferência pelo uso da forma pronominal plena. E, ao contrário do que é mostrado para outras línguas que exibem o sujeito nulo restritivamente (cf. Borer 1989 sobre o hebraico), não há em PB uma relação direta entre presença de marca distintiva de pessoa e ocorrência de sujeito nulo. A diminuição na frequência do sujeito nulo espalha-se por todo o paradigma, numa clara sugestão de que este perdeu a *riqueza funcional* (Roberts, 1993a), que permite a identificação de um sujeito nulo mesmo diante da existência de um número limitado de formas homógrafas, como se observa no português europeu (cf. Duarte, no prelo). Em outras palavras, perdemos o Princípio “Evite Pronome” (Chomsky, 1981), que leva à expressão do pronome sujeito apenas quando este for focalizado ou usado contrastivamente, necessitando evidentemente de realização fonética (Rizzi, 1988).

Assim, ao lado de análises teóricas que procuram determinar os mecanismos de identificação num sistema defectivo de sujeitos nulos como o nosso (a mais recente das quais devemos a Figueiredo Silva, 1994), é inegável a importância de se desenvolverem estudos empíricos com o intuito de contribuir para lançar novas luzes sobre o sujeito nulo no Português do Brasil. Roberts (1993b:411,412) ressalta “a riqueza intrínseca da matéria-prima” com que os pesquisadores brasileiros trabalham, “visto que o PB é um exemplar vivo de mudança” e nos possibilita “encontrar testemunhos vivos para a mudança em progresso”. Trata-se, pois, de um momento particularmente interessante para observar a maneira pela qual tal mudança se processa.

Este é um trabalho empírico, que busca fazer uma análise variacionista, nos moldes desenvolvidos por Labov (1972), seguindo os passos da pesquisa sociolinguística (cf. Tarallo 1985 e Mollica 1992) e utilizando parte do saber teórico acumulado sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo (Chomsky 1981, Huang 1984, Rizzi 1986a, Jaeggli & Safir 1989, Roberts, 1993a) na formulação de hipóteses e no levantamento dos condicionamentos estruturais que possam inibir ou favorecer o uso do sujeito nulo no português brasileiro, dentro da linha de pesquisa introduzida por Kato & Tarallo (1988) e Tarallo & Kato (1989).

O presente artigo se compõe de 5 partes. Os pressupostos e as hipóteses que orientaram a pesquisa aparecem na seção 1. Em 2, descrevo a amostra em que se baseia a análise e os critérios levados em conta na seleção dos dados. A seção 3 apresenta, resumidamente, os

² Os resultados de trabalhos variacionistas realizados em diferentes regiões do Brasil permitem concluir que as diferenças dialetais são mais frequentemente localizadas nos níveis lexical e fonológico do que no sintático. (cf. Tarallo, 1983:54)

resultados da pesquisa; além de constatar a mudança em curso, observando o fenômeno através do tempo aparente (a faixa etária do falante), serão mostrados, de um lado, o caminho já percorrido pela mudança e, de outro, os contextos de resistência do sujeito nulo. A seção 4 trata do “encaixamento” da mudança no nosso sistema, mostrando a trajetória recente da construção conhecida como “deslocamento à esquerda” do sujeito, que se introduziu no nosso sistema revestida de restrições de caráter pragmático, quando, na verdade, sua própria ocorrência é resultante da perda pelo PB de propriedades de língua *pro-drop*, como o italiano. Finalmente, na seção 5 são feitas breves considerações a respeito do estatuto teórico da categoria vazia sujeito que ainda ocorre no PB, à luz dos dados analisados.

1. PRESSUPOSTOS E HIPÓTESES DE TRABALHO

A utilização do termo *opcional* para expressar a realização do sujeito por uma categoria vazia em línguas como o italiano pode levar à idéia de que em línguas desse tipo formas nulas e plenas sejam intercambiáveis. Na realidade, tal opcionalidade implica que, “dada a existência de uma opção pronominal zero, a forma plena limita-se aos casos em que for necessária, i. e., quando o sujeito pronominal, sendo focalizado ou contrastivo, precisa ser foneticamente realizado” (Rizzi, 1988:15, minha tradução). Esta é, na verdade, a intuição subjacente ao que Chomsky convencionou denominar “Avoid Pronoun Principle” (1981). Há, portanto, uma complementaridade entre sujeitos nulos e plenos no espanhol e italiano (Fernandes Soriano 1989 e Calabrese 1986)³. O mesmo se pode observar no português europeu (cf. Duarte, no prelo) e no PB até os anos 30 (cf. Duarte 1993). No caso do PB atual vemos que, se não desapareceu, o sujeito nulo já não se encontra em distribuição complementar com o pronome pleno. As formas nula e plena são hoje, de fato, intercambiáveis, sendo aquela uma *opção* que se realiza cada vez menos em favor desta, e sua ocorrência, em momento algum, compromete a aceitabilidade de uma sentença. Este é o ponto principal em que se sustenta este trabalho: o PB perdeu o Princípio “Evite Pronome” e caminha, em conseqüência dessa perda, na direção das línguas *não-pro-drop*. Resta saber como se reflete numa amostra sincrônica de língua oral esse processo de perda gradativa da propriedade *pro-drop*, que caminhos a mudança percorre, que obstáculos são mais prontamente vencidos e quais os mais resistentes ao seu avanço. Resta ainda verificar se há no nosso sistema alguma evidência mais forte de mudanças estruturais decorrentes da perda do sujeito nulo obrigatório; em outras palavras, como se encaixa no sistema essa mudança?

As hipóteses que orientaram a execução do trabalho podem ser assim sintetizadas:

1) A perda do Princípio “Evite Pronome” tem como causa última a redução do paradigma pronominal, com a conseqüente simplificação do paradigma flexional, a partir da perda, em quase todo o território nacional⁴, da segunda pessoa “direta”, representada pelos pronomes **tu** e

³ A análise que Oliveira (1996) apresenta sobre uma amostra do italiano oral sugere que tais restrições operam muito mais rigidamente na terceira pessoa. Os percentuais de sujeitos nulos nas três pessoas não deixam dúvidas, entretanto, de que esta é a representação preferencial do sujeito pronominal.

⁴ Sabe-se que, na região Sul, a segunda pessoa “direta” ainda é usada. As informações que nos chegam atestam que, se o pronome “tu” é usado com as formas verbais de terceira pessoa, ele não é omitido; se,

vós, e sua substituição pela segunda pessoa indireta”, que usa as formas verbais de terceira pessoa, como causa principal da perda do sujeito nulo; o paulatino desaparecimento do pronome **nós**, substituído pela expressão **a gente**, que usa igualmente a forma verbal de terceira pessoa do singular, só veio contribuir para a aceleração da mudança. Ficamos, pois, com um quadro flexional extremamente empobrecido em relação ao que tínhamos, o que compromete a função de identificar um sujeito pronominal vazio desempenhada pela desinência verbal.

2) Passamos a ter, em consequência, um sistema defectivo de sujeitos nulos, em que sujeitos pronominais nulos e plenos perdem a complementaridade característica das línguas *pro-drop*, passando a ser intercambiáveis. O que existe, pois, é uma diferença quantitativa decorrente da perda da obrigatoriedade de omitir o pronome. À medida que se reduz essa frequência, menos saliente será a estrutura com o sujeito nulo no conjunto de dados a que a criança é exposta. A tendência é, pois, o desaparecimento da propriedade e o “confinamento” do sujeito nulo a certas expressões e construções, que seriam residuais. .

3) O aparecimento em nosso sistema de estruturas incompatíveis com o ‘figurino’ *pro-drop*, começando pelo uso do pronome pleno em subordinadas com sujeitos correferentes e chegando à construção com duplo sujeito, ambas ausentes nas línguas *pro-drop* românicas (justamente porque são a maior evidência de desobediência ao Princípio “Evite Pronome”) são evidências da implementação da mudança e sinalizam uma mudança paramétrica em progresso.

2. A AMOSTRA UTILIZADA E A SELEÇÃO DOS DADOS

O *corpus* principal desta análise provém de gravações feitas em 1992 com 13 informantes cariocas de formação universitária, distribuídos em 3 faixas etárias: de 25 a 32 anos, de 45 a 53 e de 59 a 74 anos⁵, o que permite observar a mudança a partir da perspectiva do tempo aparente (cf. Labov 1972, Tarallo 1985). Cada grupo conta com dois informantes do sexo feminino e dois do sexo masculino. Acredito que o quadro que se puder desenhar a partir da fala de informantes com nível alto de escolaridade, usuários da norma culta em suas modalidades oral e escrita e leitores habituais, será bastante revelador do estágio em que se encontra o processo de mudança estudado. Como o uso ou omissão do pronome sujeito não está associado a qualquer estigma⁶, espero que os resultados espelhem, de fato, a real situação da variável.

Numa tentativa de verificar a implementação do uso do sujeito pronominal, é feita uma comparação entre os resultados encontrados para a amostra da fala de universitários com os

entretanto, ele é usado como no português europeu, o que parece ocorrer na comunidade descendente de açorianos, que vive na ilha de Florianópolis, é frequentemente omitido. (Agradeço a Ruth V. Lopes a observação.)

⁵ A amostra, que pertence ao acervo do Projeto NURC-RJ, é intitulada “Recontato” por consistir, excetuando-se o grupo mais jovem, de entrevistas com informantes que participaram do Projeto NURC nos anos 70. Decidi incluir a fala da documentadora, que tem o mesmo nível de escolaridade e se situa no grupo 3. Utilizada por nós pela primeira vez, a amostra foi cedida por Dinah Callou e Célia R. Lopes. Agradeço a Carlos A. Gonçalves pela sugestão do uso desse material.

⁶ O uso do pronome sujeito duplicando o relativo, mais restrito à fala de pessoas com escolaridade baixa (cf. Tarallo 1983), não parece estar no nível de consciência do falante, não sendo em geral utilizado como argumento para as críticas que comumente ouvimos sobre outras variantes não-padrão.

encontrados em um material proveniente de duas horas de gravação de entrevistas de rádio e duas de entrevistas veiculadas pela TV⁷. A confirmação dos fatos observados na amostra de fala espontânea poderá permitir estender os resultados para além das fronteiras da cidade do Rio de Janeiro (Silva, 1992). Outros dados de língua oral e escrita colhidos informalmente são utilizados.

Os critérios que orientaram a seleção dos dados estão a seguir. Lembremo-nos de que este trabalho só se ocupa da posição de sujeito em sentenças com tempo⁸ e só examina os sujeitos de referência definida e arbitrária⁹.

Os sujeitos de referência arbitrária

Embora não constituam objeto principal dessa pesquisa, decidi incluir na amostra os sujeitos de referência arbitrária por acreditar que as mudanças relacionadas com a representação do sujeito de referência definida deixaram marcas na representação desse tipo de sujeito. Sua realização como pronome pleno inclui os usos de **você, a gente, eles, nós, eu** (cf. Kato & Tarallo, 1986), que podem aparecer nulos em estruturas com sujeitos correferentes, enquanto a realização apenas como pronome nulo refere-se às construções com o verbo na terceira pessoa do singular, com um sujeito nulo associado ou não ao clítico **se** (cf. Nunes, 1990).

Os sujeitos pronominais nulos ou plenos que têm referentes representados por SNs como “o indivíduo”, “o cara”, “a pessoa”, “o aluno” estão incluídos entre os sujeitos de referência definida, distinguindo-se pelo traço semântico [+ animado/+ genérico].

Os sujeitos de referência definida

Entre os sujeitos de referência definida foram excluídos:

a) casos de sujeito nulo categórico (em expressões fixas, como ‘sei lá’, ‘sei lá o que’, ‘não sei o que mais’; em respostas afirmativas, que se constroem basicamente em português por sujeito nulo e verbo (cf. Kato e Tarallo, 1993 e Oliveira, 1996)).

b) casos de pronome lexical categórico (modificado por numeral ou quantificador; em construções clivadas ou em usos contrastivos.

c) sentenças raízes com os verbos epistêmicos “(eu) acho” e “(eu) não sei”, no presente do indicativo, por serem muito freqüentes e exigirem um controle à parte. Um levantamento

⁷ Os programas gravados são transmitidos pela rádio CBN e pela TV Educativa RJ. As gravações foram feitas em 1991 (tv) e 1993 (rádio).

⁸ Apesar de não ser foco deste trabalho, foi observada certa tendência ao uso do pronome pleno em sentenças infinitivas em contextos que provavelmente favoreceriam um PRO em línguas *pro-drop* ‘autênticas’, o que sugere uma preferência pelo infinitivo pessoal, que permite a expressão do sujeito pronominal.

(i) Você começa a pensar como seria bom [você morar com aquela pessoa...]

(ii) É muito mais fácil [você ir de metrô.]

⁹ A ocorrência de *pro* expletivo em sentenças existenciais, temporais e apresentativas não é contestada. Chamo, porém, a atenção para certa tendência ao uso do demonstrativo neutro e à retomada do SN predicativo em detrimento do uso da categoria vazia:

(i)[Que o PMDB fez muito mal quando tomou essa posição], **isso**, é evidente.

(ii)**Isso** faz uns dois meses mais ou menos.

(iii)**O teste de hibridização é um teste** que ele atua na cadeia DNA do vírus HPV.

preliminar com a fala de dois informantes do grupo mais jovem revela um índice de 25% de ocorrências de sujeito nulo nessas orações.

d) coordenadas não iniciais com sujeitos correferentes¹⁰.

Os grupos de fatores condicionadores

A variável dependente 'sujeito nulo' vs. 'sujeito pronominal pleno' foi observada em relação aos seguintes fatores condicionadores:

a) pessoa gramatical e desinência verbal

O atrelamento desses dois fatores é fundamental para mostrar que, cada vez menos, é a flexão o elemento que licencia o sujeito nulo e que isso ocorre, como já dissemos, pela perda da riqueza funcional, que caracteriza o português europeu (cf. Duarte, no prelo). Se considerarmos o fato de que a desinência **-mos** está desaparecendo, que a desinência **-o** (ou **-i**) se limita a dois tempos verbais: o presente e o pretérito perfeito do indicativo, e que a desinência **-m** é frequentemente omitida nos registros mais informais, particularmente por falantes de baixa escolaridade, vê-se a sobrecarga sobre a desinência zero, negativamente marcada para número e pessoa.

Ainda relacionados à morfologia verbal, serão considerados o tempo e a forma (simples ou complexa) dos verbos.

b) a estrutura da oração e seu estatuto sintático dentro do período

O quadro teórico adotado na análise da estrutura sentencial leva em conta a integração das categorias funcionais à Teoria X'. Essas categorias estão relacionadas a propriedades morfológicas, possivelmente responsáveis pelas diferenças entre línguas (v. a esse respeito Raposo, 1993). Desta forma, a estrutura de CP e IP, ou seja, a existência de material em Spec CP ou C⁰, a ocorrência de adjuntos a IP, o aparecimento da negação, de advérbios aspectuais e clíticos entre Spec IP e I⁰, além da transitividade verbal e a realização dos seus argumentos internos serão observados no sentido de buscar os contextos que ainda abrigam o sujeito nulo e aqueles que mais rapidamente cederam ao sujeito pronominal lexical.

c) a posição do referente do sujeito

- em encaixadas (em que a correferência conduz ao sujeito nulo em línguas *pro-drop*, com o uso do pronome implicando referência disjunta) e em contextos iniciais (em que um antecedente bem estabelecido no discurso, ou c-comandante, leva igualmente ao sujeito nulo).

d) o traço do referente de terceira pessoa

O predomínio de sujeitos plenos com o traço [-animado] - contexto obrigatório de sujeito nulo nas línguas *pro-drop* românicas - poderia indicar um importante avanço da mudança.

e) o duplo sujeito

¹⁰ Note-se, porém, que mesmo em tais estruturas a representação pronominal do sujeito já se mostra implementada, particularmente na fala dos mais jovens:

(i) Ele_i trabalha com a gente aqui na seção de ensino e **ele_i** está liderando um projeto que ele_i chamou 'projeto excelência'.

(ii) Eu estranho, mas **eu** fico quieta. Eu aceito.

(iii) Aquelas casas antigas, elas_i viram tudo [...] Então elas_i servem pra moradia, mas **elas_i** servem pra "n" coisas.

As construções com duplicação do sujeito conhecidas como deslocamento à esquerda (DE) ou à direita (antitópico ou falsa inversão, cf. Kato e Tarallo, 88, no prelo) são construções atípicas em línguas românicas do grupo *pro-drop*, e, embora a ocorrência de DE inclua necessariamente o uso do pronome, não se encaixando, pois, dentro do conceito sociolinguístico de regra variável, seu exame é fundamental para a confirmação da hipótese de que estamos de fato nos afastando do grupo das línguas *pro-drop*. As sentenças codificadas com sujeito em DE serão tratadas separadamente.

f) os fatores sociais

Entre os fatores sociais considerados, tem importância fundamental a faixa etária dos informantes, que será levada em conta na apresentação dos condicionamentos linguísticos à realização do sujeito e servirá para mostrar o progresso da mudança que o trabalho enfoca. Será ainda investigada a relevância do sexo do informante e do papel do indivíduo dentro do grupo.

Os dados coletados foram codificados e submetidos aos programas da série VARBRUL, que apresentam valores percentuais e pesos relativos para cada um dos fatores dentro de seu grupo e de cada grupo em relação aos demais, elencando-os por ordem de sua significância para a realização da variável em estudo e rejeitando aqueles que não têm peso em tal realização (sobre os modelos matemáticos utilizados nos programas e sobre sua aplicação v. Naro, 1992 e Scherre, 1992, respectivamente).

3. EVIDÊNCIAS DE MUDANÇA EM TEMPO APARENTE

3.1. O sujeito de referência definida na fala espontânea

Do total de 1.756 dados computados, 1.424 têm referência definida. Desses, 415 (29%) apresentam o sujeito nulo, enquanto 1.009 (71%), o sujeito pronominal pleno (resultados compatíveis com os encontrados por Tarallo, 1983). Por limitações de espaço, resumimos, os principais resultados. A tabela 1, a seguir, apresenta, pela ordem, os grupos de fatores selecionados pelo programa VARBRUL, acompanhados dos **pesos relativos (p.r.)**, o número de ocorrências de sujeito nulo (**n.**) sobre o total de dados, com os percentuais correspondentes:

Tabela 1. Fatores selecionados como significantes para a ocorrência do sujeito nulo.

Fator	p.r.	n.	t.	%
Pessoa do discurso				
3a. pessoa do singular	.57	165	419	39
3a. pessoa do plural	.57	44	127	35
1a. pessoa do singular	.52	175	631	28
1a. pessoa do plural	.32	18	120	15
2a. pessoa do singular	.31	13	119	11
Correferência (estr. subordinadas)				
sim	.62	70	217	32
não	.36	22	188	12
Faixa etária				
< 46 anos	.62	190	491	39
36 a 45 anos	.46	126	475	27
25 a 35 anos	.41	99	458	22
Tipo sintático da oração				
Independente	.58	243	650	37
Completiva	.55	21	89	24
Adjunta posposta	.50	47	155	30
Raiz anteposta	.48	67	286	23
Raiz posposta	.44	17	65	26
Adjunta anteposta	.30	13	84	15
Relativa	.22	7	95	7
Tempo verbal				
Pretérito perfeito (ind.).64		149	385	39
Pretérito imperfeito (ind.)	.51	64	234	27
Subjuntivo	.49	12	60	20
Presente (ind.)	.43	186	715	26
Traço do referente (3a. pessoa)				
[+a / +gen.]	.71	36	64	56
[-animado]	.61	71	162	44
[+animado]	.41	102	320	32
Sexo do informante				
Masculino	.55	220	641	34
Feminino	.46	195	783	25

Material entre Spec IP e I⁰

Negação e clíticos	.60	75	206	36
Advérbios aspectuais	.52	37	102	37
Nenhum elemento	.48	303	1097	28

Em todas as combinações feitas, foram sistematicamente recusados os seguintes grupos de fatores estruturais: a flexão (o que confirma a hipótese de que nosso paradigma perdeu a riqueza funcional), a forma verbal, a transitividade e a forma de expressão do objeto. Em vista da importância da pessoa do discurso - sempre o primeiro fator selecionado em todas as rodadas - procedeu-se a novas rodadas, buscando determinar os fatores significativos para cada uma delas. O resultado aparece na tabela 2.

Tabela 2. Fatores selecionados como significantes para a realização do sujeito nulo em cada pessoa do discurso.

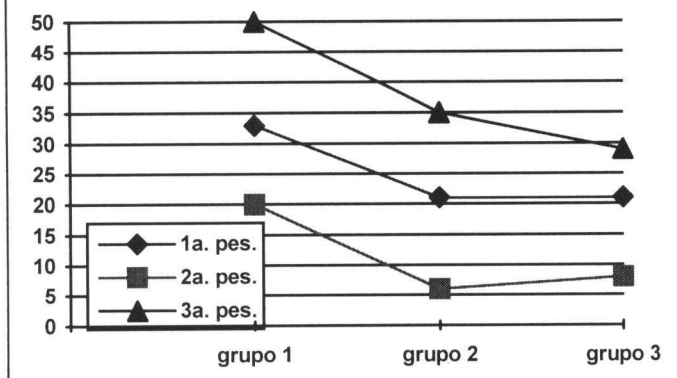
Primeira Pessoa	Segunda pessoa	Terceira pessoa
Correferência	Tempo verbal	Sexo
Tempo verbal	Correferência	Tipo de oração
Faixa etária	Faixa etária	Traço semântico
Elem entre Spec IP I ⁰		Tempo verbal
Transitividade		Faixa etária
Elemento entre CP IP		Correferência

Vê-se que a correferência entre sujeitos, o tempo verbal e a faixa etária são relevantes para as três pessoas, embora na terceira, o sexo do informante (os homens são mais conservadores, apagando mais o sujeito¹¹), o tipo sintático da oração e o traço do referente se mostrem mais significativos.

O cruzamento das três faixas etárias com a pessoa gramatical evidenciam a mudança em tempo aparente e mostram que os efeitos da erosão do paradigma flexional/pronominal na perda do uso do sujeito nulo se fazem sentir gradualmente e não atuam uniformemente sobre todas as pessoas gramaticais. No caso do português, os resultados sugerem que a segunda pessoa foi a um só tempo a detonadora da mudança e a que mais rapidamente incorporou seus efeitos, mostrando-se como um processo de mudança mais adiantado. Observe-se o gráfico 1, onde estão representados, pela ordem, o grupo que se situa na faixa etária mais alta (Grupo 1: de 59 a 74 anos), o grupo intermediário (Grupo 2: entre 45 e 53 anos) e o grupo mais jovem (Grupo 3: entre 25 e 32 anos).

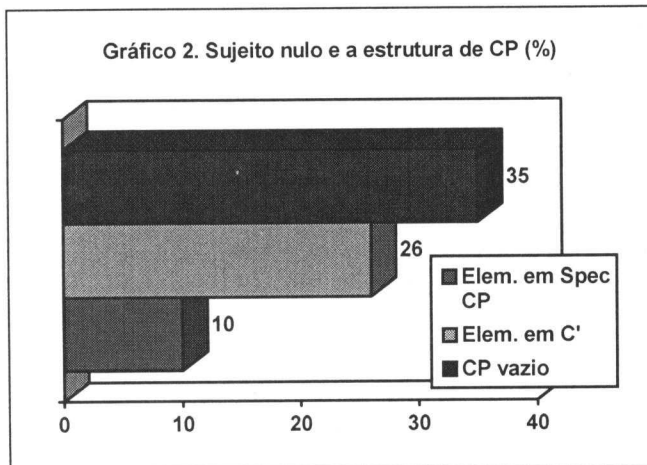
¹¹ Embora sejam, em geral, mais conservadoras, as mulheres tendem a liderar um processo de mudança em direção a formas prestigiadas (Paiva, 1992).

Gráfico 1. Ocorrência de sujeito nulo na fala espontânea segundo a pessoa gramatical e a faixa etária (%).



Os percentuais mais baixos ocorrem na segunda pessoa, em que temos o Grupo 1 com 20% de sujeitos nulos, seguido pelos Grupos 2 e 3 com 6% e 8%, respectivamente. A seguir, vemos a primeira pessoa com 33% de ocorrências para o Grupo 1 e 21% para os Grupos 2 e 3. Finalmente, temos a terceira pessoa, com os índices mais altos de sujeitos nulos (50%, 35% e 29%). Esta hierarquia, mantida nos três grupos, revela uma diferença mais acentuada entre os mais velhos (grupo 1), de um lado, e os grupos 2 e 3, de outro. Diferenças entre singular e plural não são muito significativas. Destaque-se, porém, que o uso do pronome **nós**, que predomina sobre o uso da expressão **a gente** na fala do grupo 1, já concorre com essa expressão em igualdade de condições na fala do grupo 2. Entretanto, na fala do grupo 3, a forma **nós** aparece em uma única ocorrência, como pronome nulo, contra um total de 40 usos de **a gente**, o que confirma sua implementação no nosso sistema.

Entre os condicionamentos sintáticos, mostrou-se importante a estrutura de CP, como se vê no gráfico 2 a seguir:



As orações com Spec de CP preenchido - relativas, interrogativas diretas e interrogativas indiretas - se mostram como o contexto que mais prontamente cedeu lugar ao sujeito pleno, com 7%, 8% e 18% de sujeitos nulos, respectivamente. Seguem-se as orações com elemento em C⁰ - as completivas e adjuntas - com 26% de sujeitos nulos. Finalmente, temos as orações com CP vazio - as principais e independentes - com índices de 35%.

Que a mudança está em progresso também nas estruturas com sujeitos correferentes é evidente. De um total de 217 orações em configuração semelhante, apenas 70 (32%) têm o sujeito nulo, um percentual muito baixo se se leva em conta o fato de se tratar de um contexto de sujeito nulo obrigatório em línguas como o português europeu, o italiano e o espanhol. A terceira pessoa associada à estrutura com sujeitos correferentes é um condicionamento importante à preservação do sujeito nulo, mas é igualmente notável o fato de que, à medida que cai a faixa etária, cai também significativamente o percentual de sujeitos nulos nesses contextos. Isso mostra que estamos perdendo a permeabilidade à “anaforicidade” e tornando opcional um procedimento obrigatório nas línguas conhecidas tradicionalmente como *pro-drop*. Os 68% de ocorrências de sujeitos pronominais lexicais em subordinadas (mesmo nas coordenadas entre si) e raízes postostas com sujeitos correferentes com os da oração anterior, ilustrados em (1)-(5), permitem esta consideração:

- (1) Porque **eu** não ‘tava certo se **eu** ia querer fazer escola técnica ou se **eu** queria continuar fazendo o científico. (H3b,175,177)¹²
- (2) Mesmo que **eu** não fizesse o pré-vestibular, **eu** acho que **eu** passaria por causa da base que **eu** tinha. (H3b,216,219)
- (3) Aí **vocês** vão entrar em atrito porque **vocês** vão começar a brigar. (M3a,125/126)
- (4) **A casa**, virou um filme quando **ela**, teve de ir abaixo. (M2g,876)

¹² Os exemplos da fala espontânea apresentam a seguinte codificação: sexo (**Mulher/Homem**); faixa etária **1** (59- 74 anos), **2** (45-53 anos), **3** (25-32 anos); identificação do informante (**a - m**); número da ocorrência. Trechos inseridos aparecem entre parênteses.

- (5) Quando **ele** determinou que o Estado podia intervir nos sindicatos, **ele** acabou gerando um líder sindical que **nós** chamamos de pelego. (H2f,713)

Galves (1987) aponta como particularidade do português do Brasil, quando comparado ao europeu, a necessidade de contextos apropriados para o uso de um pronome nulo de terceira pessoa com valor referencial. Tais contextos consistiriam na presença de um antecedente bem estabelecido na sentença, numa relação de c-comando com o seu conseqüente (como se vê nas estruturas com sujeitos correferentes ilustradas acima) ou no discurso. De fato, entre as sentenças raízes é possível verificar o efeito causado pela presença de um referente bem estabelecido no discurso (ou “esperado” segundo Calabrese, 1986) e pela ausência de elementos em CP. Não nos esqueçamos, porém, de que, assim como nas estruturas com correferência, o contexto referido acima tem **obrigatoriamente** o sujeito nulo em línguas como o italiano, particularmente na terceira pessoa. Na amostra analisada, só o grupo 1 realiza em metade das estruturas desse tipo uma forma que seria obrigatória numa língua de sujeito nulo. Os grupos 2 e 3 preferem o sujeito pronominal pleno em mais de 60% das iniciais que têm um referente “bem estabelecido” no discurso, como mostram (6) e (7).

- (6) Eu conheço **duas** (moças)_i que_i elas_i não sabem ficar sozinhas. **Elas_i** não conseguem, sabe? **Elas_i** podem namorar o cara mais idiota do mundo. Mas **elas_i** têm que ter um namorado (M3a, 141/143).
- (7) **Nova Trento** é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. **Ela** é desse tamanho. **Ela** não tem paralelas. (Mg2,935-936)

Têm também o sujeito nulo obrigatório em línguas *pro-drop* as completivas de raízes com verbos declarativos e epistêmicos cujos sujeitos tenham um referente bem estabelecido no discurso. No entanto, apenas 27% dessas orações, construídas em sua maioria com o verbo **ser**, têm o sujeito nulo, o que mostra mais um avanço da variante com o pronome:

- (8) Então eu vim com **aquele pulôver**, mas não sei *se ele ‘tá bonito, se ele ‘tá combinando*. (H2h,1058,1059)
- (9) A:[**Os seus filhos...**]
B: Eu acho que **eles** não têm o menor apego ao bairro. (H11,1611)

Um outro fator interno à sentença que se mostrou um contexto de resistência do sujeito nulo foi a presença de elementos entre Spec de IP e I⁰. Trata-se da **negação**, de **pronomes clíticos** e **advérbios**, estando entre os mais freqüentes, **já**, **só**, **nunca**, **sempre**, **ainda**. Do total de orações que apresentam tais elementos, 36% têm o sujeito nulo, enquanto o percentual é de 28% nas que não apresentam tais elementos entre sujeito e verbo:

- (10) Por exemplo, **nós** éramos meninas; **cv não** éramos casadas. (M1i, 1305,1306)

Embora se trate de diferenças percentuais muito pequenas e exista um número muito mais expressivo de sujeitos plenos com ou sem elementos nessa posição, é interessante notar que a

presença de tais elementos numa sentença de sujeito nulo parece constituir um condicionamento prosódico, como se estes e o sujeito pronominal fossem intercambiáveis.

A maior resistência do pretérito perfeito ao avanço do sujeito pleno, (com 39% de sujeitos nulos) poderia igualmente se dever a um condicionamento prosódico. Embora esta análise se limite a fatores morfossintáticos, que acredito sejam os propulsores da mudança em estudo, não se pode ignorar a importância de fatores fonológicos nos processos de mudança, tanto no sentido de motivá-las, como no de retardá-las (cf. Adams 1987, Galves & Galves 1994 e Callou & Silva 1995).

Atuando juntamente com os fatores estruturais até então examinados, está sem dúvida o traço [+/- animado] do referente do sujeito de terceira pessoa. O sujeito de traço [+a] favorece amplamente o sujeito pleno (68%); o traço [-a], que leva ao sujeito nulo nas línguas *pro-drop*, já apresenta 56% de sujeitos pleno:

- (11) Eu atualmente moro na rua X, **no edifício Barão de Lucena**, que tem lá sua nobreza porque **cv** é de 1937. **Ele** é todo *art déco*. **Ele** é muito interessante, **o Edifício Barão de Lucena**. (M2g,881,882)

Se, entretanto, ao traço [+a] se junta o traço [+genérico], a preferência recairá sobre o sujeito nulo (56%), o único contexto em que a produção de sujeitos nulos ultrapassa a marca dos 50%. A importância do traço [+gen] como contexto de resistência do sujeito nulo, aliás, pode ser constatada no exemplo a seguir, que mostra o sujeito nulo juntamente com a mudança de plural para singular, como se a referência do SN antecedente passasse de [+definida] para [+genérica]:

- (12) Eu tenho **alguns funcionários** que sempre **botam** um ‘doutor’ pra cá, né, ou um ‘senhor’ pra lá, embora eu dê oportunidade que **cv** me **chame** de M. C. mesmo, claro, desde que **cv respeite** e **cv tenha...** o dever dele (H1j, 1.345,1.346)

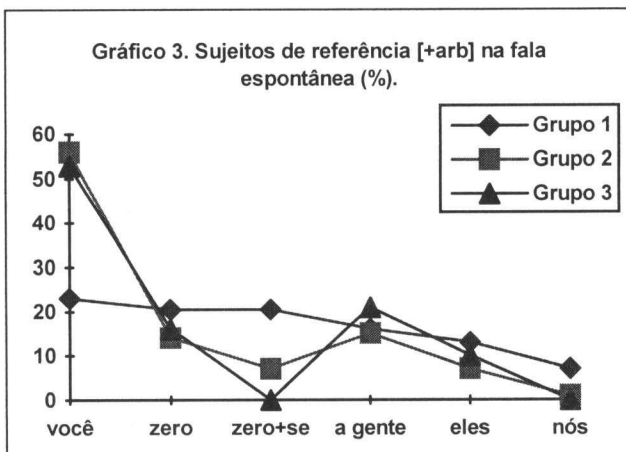
Essas estruturas parecem estar na fronteira que separa a referência definida da referência arbitrária, ilustrada em (13):

- (13) Um sinal quebra? *pro^{arb}* Dançou, né? (H3d)

3.2. O sujeito de referência arbitrária na fala espontânea

Dos 1.756 sujeitos analisados, 332 (19%) têm referência arbitrária, e, embora não sejam o alvo principal deste trabalho, merecem uma menção especial por poderem ser representados por pronome pleno (65%) ou nulo (35%); a maioria dos nulos se refere a construções com ou sem o clítico *se*, sendo muito rara a ocorrência de um sujeito nulo [+arb] correferente com uma das expressões pronominais usadas para a indeterminação. O gráfico 3, a seguir, resume, em percentuais, as formas utilizadas, pelos grupos 1, 2 e 3, na amostra da fala espontânea, para expressar a referência arbitrária, seguindo a ordem das variantes preferidas pelo grupo 1:

Gráfico 3. Sujeitos de referência [+arb] na fala espontânea (%).



Em relação às formas pronominais usadas¹³, observa-se a preferência por **você**, seguida da expressão **a gente** e do pronome **eles** (sempre preferencialmente plenos, mesmo em encaixadas). O uso do pronome **nós**, como era de esperar, tendo em vista sua baixa ocorrência com referência definida, fica restrito ao grupo 1. Em relação à indeterminação com *pro* arbitrário, o gráfico evidencia mais uma interessante mudança: enquanto o grupo 1 se utiliza das construções com e sem o clítico (*zero*), o grupo 3 já não se utiliza da primeira estratégia. O aparecimento da variante sem o clítico deve estar relacionado com a implementação do uso do sujeito pronominal com referência definida. Ou seja, a falta de um referente claro leva à interpretação [+arb] de um sujeito nulo (cf. Galves 1991,1993). Note-se, entretanto, que não há um aumento percentual no uso dessa estratégia na fala dos mais jovens, como mostra o gráfico 3 acima; o que ocorreu foi um significativo aumento no uso de **você** para expressar a referência [+arb], o que é compatível com a tendência à realização fonológica do sujeito referencial, seja essa referência definida, seja arbitrária.

De modo geral, a representação do sujeito na fala transmitida pela mídia aproxima-se da fala espontânea. Da mesma forma, foram observados reflexos da implementação do uso do sujeito pleno em dados colhidos informalmente em jornais e em textos produzidos por estudantes universitários.

4. O DUPLO SUJEITO

Quando se observa um processo de mudança, é natural esperar outras mudanças relacionadas a ele “de uma forma não acidental” (Weinreich, Labov & Herzog, 1968:172), conseqüências de seu encaixamento no sistema. Que mudanças poderiam ser relacionadas à perda da propriedade *pro-drop* pelo PB? A resposta parece estar no surgimento das construções com o sujeito em deslocamento à esquerda e retomado pelo pronome pessoal, ausentes no

¹³ Para o conhecimento dos condicionamentos ao uso das diversas variantes pronominais, remeto o leitor a Omena(1986), Cunha(1993) e Lopes(1993).

italiano, espanhol e português europeu (Ochs & Duranti, 1979, Rivero, 1980, Duarte, no prelo) e muito freqüentes no francês (Barnes, 1986). De fato, na amostra da fala espontânea, foram computados 86 casos (16% das sentenças com sujeito pleno) de construções com o sujeito deslocado à esquerda (DE); na amostra da mídia, esse percentual ficou em 13%.

Observada inicialmente por Pontes (1987), em trabalhos realizados entre os anos de 80 e 82, e retomada por Braga & Mollica (1985, 1986) e Braga (1987), a construção entrou em nosso sistema revestida de condicionamentos discursivos, como o estatuto informacional do SN (dado), o tipo de discurso (dissertativo-argumentativo), etc. Nas amostras aqui analisadas, o que se observa é que a construção já não obedece a restrições, aparecendo com ou sem elementos intervenientes:

- (14) *A Clarinha, ela_i, cozinha que é uma maravilha.* (M1i, 1280)¹⁴
- (15) *Então o Instituto de F., ele_i, manda os piores professores... Os melhores, eles_i, dão aula no curso de M.* (H3b, 220, 224)
- (16) *A minha filha, quando era pequena, ela_i, sempre desceu, sempre brincou lá.* (M2e, 702)
- (17) *As minhas amigas, que achavam ridículo véu e grinalda, hoje em dia elas_i, 'tão casando de véu e grinalda.* (M3a, 129).

em contextos iniciais e encaixados:

- (18) *A população neotrentina, ela_i, é meio flutuante* porque os homens saem muito para trabalhar na construção civil. (Mg2, 964)
- (19) *Então você acredita que a prisão do PC, ela_i, só vai acontecer por acaso?* (Rádio)
- (20) *Não vou falar de bermuda, porque os alunos, hoje em dia no verão eles_i, vêm assistir aulas com bermuda de qualquer tamanho.* (H2h, 1130)
- (21) *Eu conheço duas (moças) que, elas_i, não sabem ficar sozinhas.* (M3a, 140)

com referentes definidos, como nos exemplos acima, ou indefinidos e arbitrários:

- (22) **Um homem comum, ele_i,** tem um conforto compatível com a dignidade de uma pessoa humana, entendeu? (H1i, 1718)
- (23) **Você,** quando você viaja, **você** passa a ser turista. Então você passa a fazer coisas que você nunca faria no Brasil. (M3c, 369, 372)

em todas as pessoas gramaticais:

- (24) **Eu às vezes eu** peço a ele pra ir comprar o jornal pra mim... (H2h, 1079)

¹⁴ Nos nossos exemplos, só aparecerá uma vírgula entre o SN deslocado e o pronome se houver pausa na fala.

- (37) No momento **o plano ele** não não faz nada. **Ele** na verdade **ele** cria as condições para que o Governo possa realizar seu trabalho. (Fala de um membro do governo entrevistado pelo rádio, 08.12.93)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados a que a análise variacionista nos permitiu chegar revelam que o português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop* por força do enfraquecimento da flexão (ou redução do quadro pronominal), responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente “rica” para tal processo. Essa perda, entretanto, não se reflete no uso da língua como uma mudança concluída. O PB atual convive com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características *pro-drop*, e um sistema em desenvolvimento, em que a “riqueza funcional” perdida já não permite a identificação de *pro*.

Parece razoável, então, supor que o que está refletido nos dados é um sistema *pro-drop* defectivo, em que Agr continua licenciando *pro*, mas sua identificação, comprometida pela perda do traço de pessoa, torna-se cada vez mais restrita. E os contextos por onde a mudança progride são aqueles em que o sistema é menos rígido - aqueles que têm elemento em Spec de CP. Os contextos mais resistentes são os que têm um comportamento mais rígido quanto à obrigatoriedade de sujeito nulo em línguas *pro-drop*: as estruturas com sujeitos correferentes e as independentes que têm um referente bem estabelecido no discurso, um e outro facilmente acessíveis. Provavelmente, esta é a razão da maior resistência por parte da terceira pessoa.

É com base nessas observações que tenho me referido ao sujeito nulo em PB como um *pro* residual. Em outras palavras, a categoria vazia sujeito que ainda temos em PB é um *pro*, licenciado e identificado segundo os mesmos mecanismos utilizados nas línguas *pro-drop* românicas. Embora o sistema seja defectivo, os contextos que apresentam a categoria vazia são os mesmos em que o sujeito nulo é obrigatório naquelas línguas, não parecendo, pois, apropriado, propor um estatuto diferente para nossas ocorrências de sujeito nulo. Esta convivência de variantes incompatíveis é, na verdade, evidência de mudança em progresso (Kroch, 1994 e Roberts, 1993b). A cada geração, com a variante com pronome nulo se revestindo de condicionamentos estilísticos (cf. Kato, 1992, 94), a batalha entre elas deve se tornar mais cruenta, até a vitória da variante com o pronome pleno.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Marianne. (1988). Parametric change: empty subjects in Old French. In D. Birdsong & J-P Montreuil (eds.) *Advance in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris.
- BARNES, Betsy K. (1986). An Empirical Study of the Syntax and Pragmatics of Left dislocations in Spoken French. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. 207-224.
- BORER, Hagit. (1989) Anaphoric AGR. In O. Jaeggli & K. J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 69-110.

- (37) No momento **o plano ele** não não faz nada. **Ele** na verdade **ele** cria as condições para que o Governo possa realizar seu trabalho. (Fala de um membro do governo entrevistado pelo rádio, 08.12.93)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados a que a análise variacionista nos permitiu chegar revelam que o português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop* por força do enfraquecimento da flexão (ou redução do quadro pronominal), responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente “rica” para tal processo. Essa perda, entretanto, não se reflete no uso da língua como uma mudança concluída. O PB atual convive com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características *pro-drop*, e um sistema em desenvolvimento, em que a “riqueza funcional” perdida já não permite a identificação de *pro*.

Parece razoável, então, supor que o que está refletido nos dados é um sistema *pro-drop* defectivo, em que Agr continua licenciando *pro*, mas sua identificação, comprometida pela perda do traço de pessoa, torna-se cada vez mais restrita. E os contextos por onde a mudança progride são aqueles em que o sistema é menos rígido - aqueles que têm elemento em Spec de CP. Os contextos mais resistentes são os que têm um comportamento mais rígido quanto à obrigatoriedade de sujeito nulo em línguas *pro-drop*: as estruturas com sujeitos correferentes e as independentes que têm um referente bem estabelecido no discurso, um e outro facilmente acessíveis. Provavelmente, esta é a razão da maior resistência por parte da terceira pessoa.

É com base nessas observações que tenho me referido ao sujeito nulo em PB como um *pro* residual. Em outras palavras, a categoria vazia sujeito que ainda temos em PB é um *pro*, licenciado e identificado segundo os mesmos mecanismos utilizados nas línguas *pro-drop* românicas. Embora o sistema seja defectivo, os contextos que apresentam a categoria vazia são os mesmos em que o sujeito nulo é obrigatório naquelas línguas, não parecendo, pois, apropriado, propor um estatuto diferente para nossas ocorrências de sujeito nulo. Esta convivência de variantes incompatíveis é, na verdade, evidência de mudança em progresso (Kroch, 1994 e Roberts, 1993b). A cada geração, com a variante com pronome nulo se revestindo de condicionamentos estilísticos (cf. Kato, 1992, 94), a batalha entre elas deve se tornar mais cruenta, até a vitória da variante com o pronome pleno.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Marianne. (1988). Parametric change: empty subjects in Old French. In D. Birdsong & J-P. Montreuil (eds.) *Advance in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris.
- BARNES, Betsy K. (1986). An Empirical Study of the Syntax and Pragmatics of Left dislocations in Spoken French. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. 207-224.
- BORER, Hagit. (1989) Anaphoric AGR. In O. Jaeggli & K. J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 69-110.

- BRAGA, Maria Luíza. (1987). Esta dupla manifestação do sujeito, ela é condicionada lingüísticamente. 34^o Seminário do GEL. Campinas, SP. 106-115.
- BRAGA, Maria Luíza & MOLLICA, M. Cecília M. (1985). Algumas contribuições para a compreensão do tópico discursivo. 30^o Seminário do GEL. UNESP. São José do Rio Preto, SP. ms.
- BRAGA, Maria Luíza & MOLLICA, M. Cecília M. (1986). Marcas segmentais e/ou supra-segmentais entre o sujeito e o predicado e sua função discursiva. *Lingüística: Questões e Controvérsias. Série ESTUDOS*, 12. Uberaba, MG. 24-39.
- CALABRESE, A. (1986). Pronomina: some properties of the Italian pronominal system. In N. Fukui, T. Rapoport & E. Sagey (eds.) *MIT Working Papers in Linguistics*, 8. 1-46.
- CALLOU, Dinah. & SILVA, Giselle M. de O. (1995). O uso do artigo definido em contextos específicos: variação e mudança. ms. UFRJ.
- CHOMSKY, Noam. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris. (2^a ed. 1982)
- CUNHA, Cláudia de S. (1993). *Indeterminação Pronominal do Sujeito*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFRJ.
- DUARTE, M. Eugênia L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 107-128.
- DUARTE, M. Eugênia L. (No prelo) O sujeito pronominal no português coloquial europeu. In G. M. de O. e Silva & S. Bortoni (orgs.) *Fotografias Sociolingüísticas II*. Campinas: Pontes.
- FERNANDES SORIANO, Olga. (1989). Strong Pronouns in Null Subject Languages and The Avoid Pronoun Principle. In P. Branigan et alii (eds.) *MIT Working Papers in Linguistics*, 11. 228-239.
- FIGUEIREDO SILVA, M. Cristina (1994). *La position sujet en Portugais Brésilien (dans les phrases finies et infinitives)*. Tese de doutorado, Université de Genève.
- GALVES, Charlotte C. (1987). A Sintaxe do Português Brasileiro. *Ensaios de Lingüística*, 13. 31-50.
- GALVES, Charlotte C. (1991). Agreement and Subjects in Brazilian Portuguese. ms. UNICAMP.
- GALVES, Charlotte C. (1993). O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 387-408.
- GALVES, Antônio. & GALVES, Charlotte. (1994). A case study of prosody-driven grammar identification - from Classical Portuguese to European Portuguese. ms. UNICAMP.
- HUANG, C. T. James. (1984). On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, 15. 531-574.
- JAEGGLI, Osvaldo & SAFIR, Kenneth, J. (1989). The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In O. Jaeggli & K. J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 1-44.
- KATO, Mary A. (1992). Variação sintática e estilo. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 22. Campinas. 127-137.
- KATO, Mary. A. (1994). Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. Conferência proferida no Congresso Internacional sobre o Português. Lisboa.
- KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando. (1986). Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalan (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. 343-358.
- KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando (1988). Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. Não publicado, UNICAMP.
- KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando. (1993). Sim: respondendo afirmativamente em português. In M. Sofia Z. de Paschoal & M. Antonieta A. Celani (orgs.) *Lingüística Aplicada: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC. 259-278.
- KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando. (No prelo). The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In I. V. Koch & B. Schliebe-Lange (orgs.), *Linguistik in Brezilien*. Tübingen: Niemeyer.
- KROCH, Anthony. (1994). Morphosyntactic Variation. *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theory*.
- LABOV, William. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

- LOPES, Célia R. (1993). “Nós” e “a gente” no português falado culto. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFRJ.
- MOLLICA, M. Cecília (org.) (1992). *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ.
- NARO, Anthony J. (1992) Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In M. C. Mollica (org) *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 17-28.
- NUNES, Jairo M. (1990). *O Famigerado SE: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação de mestrado, UNICAMP.
- OCHS, Elinor & DURANTI, Alessandro. (1979). Left-dislocation in Italian conversation. In T. Givón (ed.), *Syntax and Semantics: vol. 12. Discourse and Syntax*. New York: Academic Press. 377-415.
- OLIVEIRA, Marilza de. (1996). *Respostas assertivas e sua variação nas línguas românicas: seu papel na aquisição*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- OMENA, Nelize P. de. (1986). A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In A. J. Naro (org.) *Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto CENSO à Educação*. Vol: 2. Rio de Janeiro, UFRJ. 286-319.
- PAIVA, M. da Conceição. (1992). Fatores extra-lingüísticos: o sexo. In M. C. Mollica (org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 69-74.
- PONTES, Eunice. (1987). *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Ed. Pontes.
- RAPOSO, Eduardo P. (1993). Categorias funcionais na gramática gerativa. *DELTA*, vol. 9, n° 2. 217-336.
- RIVERO, Maria-Luisa. (1980). On Left-Dislocation and Topicalization in Spanish. *Linguistic Inquiry*, 2. 363-393.
- RIZZI, Luigi. (1986a). Null objects in Italian and the Theory of pro. *Linguistic Inquiry*, 17:501-557.
- RIZZI, Luigi. (1986b). On the Status of Subject Clitics in Romance. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. 391-420.
- RIZZI, Luigi. (1988). The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. ms.
- ROBERTS, Ian. (1993a) *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer.
- ROBERTS, Ian. (1993b) O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 409-421.
- SCHERRE, M. Marta P. (1992). Levantamento, codificação, digitação e quantificação dos dados. In M. C. Mollica (org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 121-134.
- SILVA, Giselle M. O e. (1992) Coleta de dados. In M. C. Mollica (org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 101-114.
- TARALLO, Fernando. (1983). *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania.
- TARALLO, Fernando. (1985). *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática.
- TARALLO, Fernando. (1987). Por uma Sociolinguística Românica “Paramétrica”: Fonologia e Sintaxe. *Ensaio de Linguística*, 13, 51-84.
- TARALLO, Fernando. (1991) Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. *Organon*, 18,11-22.
- TARALLO, Fernando & KATO, Mary A. (1989). Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. In *Preedição 5*. Campinas, Unicamp. 315-353.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin. (1968). Empirical foundations for a theory of language change. In W. Lehman & Y. Malkiel (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press. 97-195.